

## Somos todos cidadãos

Para transformar o país, é preciso que cada um faça sua parte de maneira ética e com o pensamento no futuro

“**A** messe é grande e os operários são poucos”, diz o versículo bíblico. E esse é o retrato da construção cívica e moral que vivemos no Brasil. Por aqui, além de trabalhadores, faltam cidadãos engajados e prontos a fazer sua parte e dar o exemplo de respeito à lei e à ordem no cotidiano. Confesso que tenho dificuldade de entender por que um povo tão gentil e honrado, como o nosso, demora tanto para reagir, defender seus direitos e os próprios pontos de vista.

Uma das explicações para isso eu ouvi do sociólogo colombiano Bernardo Toro em uma palestra promovida pela Associação Brasileira de Recursos Humanos (ABRH). Ele comparou a formação da cidadania dos povos da América do Sul, colonizados por portugueses e espanhóis, com a criação da cidadania americana, a partir da chegada dos peregrinos no Mayflower. O raciocínio era o seguinte: os americanos tiveram de construir eles próprios suas leis, seus protocolos de ação e seus hábitos — tudo coletivamente, sem ajuda externa. Eles criaram seus valores por meio dos exemplos de vida, e sua moral, por meio do esfor-

ço comunitário. Os povos sul-americanos, ao contrário, receberam a cidadania diretamente das caravelas dos colonizadores, que simplesmente a adaptaram às condições climáticas do novo continente. Desse modo, a cidadania foi construída sem a participação da população, que não pôde lutar nem discutir publicamente. O que aconteceu? O autoritarismo do colonizador prevaleceu.

E parece que continua prevalecendo, pois, quando enfrentamos momentos difíceis, como o atual, ficamos de olho no horizonte esperando que apareça uma caravela com uma solução mágica. Mas a verdade é que não haverá nenhuma caravela. Nós é que precisamos enfrentar o mar revolto e trabalhar na construção do país. Cada um deve exercer o próprio papel, não importa o tamanho da

contribuição. O que vale é que os atos sejam executados com autenticidade, paixão e olhando para o futuro — na expectativa que os outros sigam nossos exemplos. Nada de perder a esperança. Podemos construir um novo Brasil, cercado pela ética e pela integridade. Basta que cada um faça sua parte dentro do coletivo. A messe é grande, sim. Precisamos de mais trabalhadores. Você já foi escolhido. Agora, é só ter coragem para lutar.

“Quando há momentos difíceis, esperamos que apareça uma caravela com a solução mágica. Mas não há caravela”



**LUIZ CARLOS CABRERA**

escreve sobre carreira, é professor na Eaesp-FGV e diretor na PMC – Panelli Motta Cabrera & Associados